

POR RENATA RUSKY

A sexagenária capital completa mais um ano. Outro ano sem grandes comemorações, por conta da pandemia. Mas, por causa dela, pontos de encontro tradicionais como parques, parquinhos infantis, quadras esportivas, Eixão do lazer, por serem espaços abertos e apresentarem um risco menor de contágio pelo novo coronavírus, ganharam importância ainda mais especial.

E se a cidade é feita de pessoas, são elas, ocupando os espaços públicos, que dão personalidade a ela. As amigas surgidas nesses ambientes mostram uma Brasília diferente do estereótipo — de moradores fechados, que só andam de carro, sem muito convívio com o outro. São, na verdade, locais de união, de socializar e criar laços com quem chega de fora e ainda está se acostumando e com quem nasceu aqui e está aberto a conhecer a vizinhança

Fotos: Arquivo pessoal



Os passeios com os cachorros uniram os casais Ygor (de camisa azul) e Tuanne e Débora e Rodrigo: papel importante, inclusive, na cerimônia de casamento de Débora e Rodrigo (detalhe)

Amizade de máscaras

Os casais Tuanne Hamú, 25 anos, psicóloga, e Ygor Borganove, 25, engenheiro de campo, e Débora Luiza Albano Fulgêncio, 26, médica, e Rodrigo Araújo Gomes, 26, biomédico, conheceram-se de máscara, já na pandemia. E de pessoas que se encontravam nas calçadas e no Parque de Águas Claras, tornaram-se grandes amigos.

Mesmo com pandemia e isolamento social, Tuanne e Ygor precisavam levar as cadelas Zaya, de raça não definida, e Jade, um labrador, para passear. O mesmo acontecia com Débora e Rodrigo, que tinham de descer com Mushu, um akita. E os caminhos deles se cruzaram em junho do ano passado. No início, as conversas eram, basicamente, sobre os bichos de estimação, mas a relação evoluiu.

Tuanne brinca que a maneira mais fácil de fazer amizade em Brasília é tendo filho ou cão. “A gente faz várias amizades com outros donos de cachorro, mas, forte assim, só com eles”, afirma a psicóloga. Uma das hipóteses que ela tem para a maior aproximação é o fato de todos trabalharem na área da saúde. “Até o Ygor, que é engenheiro, trabalha na manutenção dos equipamentos que eu opero no hospital”, complementa Rodrigo.

Para Débora, o fato de não estarem encontrando os amigos mais antigos, por causa do coronavírus, fez com que eles se aproximassem mais de quem encontram quase diariamente — no caso deles, por causa dos cachorros. Os casais também descobriram que moravam bem perto um do outro. “Deixei de vir ao parque de carro para vir a pé, com eles”, conta Tuanne.

Neste curto período de convivência, os casais compartilharam diversas situações cotidianas. Conversas sobre uso de focinheira, lugares diferentes para levar os cães. Trocaram muitas dicas. E isso levou também ao tema casamento: o da médica e do biomédico estava marcado para setembro de 2020, mas, com a pandemia, precisou ser adiado e só aconteceu em fevereiro deste ano.

Além de ser um ombro amigo, Tuanne e Ygor ajudaram nas remarcações necessárias. A psicóloga foi, então, convidada para fazer as leituras da cerimônia religiosa. “Ela ainda me dizia que não precisava convidar, que sabia que era complicado isso de lista”, conta, rindo, Débora. Semana que vem, os recém-casados viajam e Mushu vai ficar com os novos melhores amigos.

